

O tabu do sexo na boca da mulher: dizeres e sentidos sobre o comportamento sexual feminino na contemporaneidade

The sex taboo in the woman's mouth: sayings and meanings about female sexual behavior in nowadays

*Aline Cristina Flavio Cristina Silva**, *Michelle Pereira Lopes***, *Samara Aparecida Pereira***

**Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*

***Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade de Passos*

Resumo: A liberdade sexual feminina ainda pode ser questionada pela sociedade contemporânea mesmo que o papel social da mulher tenha sofrido algumas mudanças ao longo das épocas. É dessa hipótese que este texto parte. Frente a isso, nosso objetivo é analisar discursivamente enunciados recortados de dois textos contemporâneos, para evidenciar neles dizeres que correspondem à concepção de que o assunto sexo permanece sendo um tabu, especialmente, quando o enunciador é uma mulher. Nossas análises são sustentadas pelo arcabouço da Análise do Discurso, teoria para a qual as contribuições do filósofo Michel Foucault têm se mostrado relevantes. Assim, o corpus da pesquisa é constituído de dois textos encontrados on-line, a saber, o texto *Existe um mundo de experimentação sexual para mulheres?*, de Helena Bertho, publicado pela revista eletrônica Azmina em 2019; e um da rede social *Instagram*, publicado por Lorena Muniz, em 2020. As análises nos mostram que, quando o assunto é sexo, o discurso feminino ainda sofre interdições, isto é, nem sempre é possível falar abertamente do assunto. Tal interdição mantém relações com o fato de que a liberdade sexual feminina ainda não está socialmente aceita e, por isso, há a necessidade de que tais discursos sejam analisados.

Palavras-chave: Discurso. Mulher. Comportamento. Sexualidade.

Abstract: Female sexual freedom still can be questioned by contemporary society, although the social role of women has undergone some changes over time. This text was born in this hypothesis. Thus, the objective is to discursively analyze sections from two contemporary texts to show the parts that correspond to the concept that sex is still taboo, especially when the speaker is a woman. The framework of Discourse Analysis supports this work, a set of theories in which the contributions of the philosopher Michel Foucault have been relevant. Therefore, the research corpus consists of two texts found online, being the first: *Is there a world of sexual experimentation for women?* by Helena Bertho, published by the electronic magazine Azmina in 2019; the second is from the social network *Instagram*, a publication by Lorena Muniz in 2020. The analyzes show that, when the subject is sex, female discourse still is banned, in other words, it is not always possible to speak openly about the subject. This interdiction is related to the fact that female sexual freedom is not yet socially accepted and, as soon, there is a need for such discourses to be analyzed.

Keywords: Discourse. Woman. Behavior. Sexuality.

Introdução

As mulheres têm os mesmos direitos que os homens; logo, elas devem poder usufruir das mesmas facilidades para obter as mesmas luzes, pois só estas podem lhes proporcionar os meios de exercer realmente esses direitos com a mesma independência e amplitude (CONDORCET, 1996 *apud* PERROT, 2019, p. 24).

O sexo pode ser considerado um tabu, isto é, nem sempre se pôde/pode falar abertamente sobre sexo. Isso ocorre mais acentuadamente quando o enunciador é uma mulher; uma grande parcela das mulheres durante muito tempo sentiu medo de falar sobre sexo: além de nem sempre possuírem todas as informações necessárias sobre o assunto, rondava-lhes também o receio de se tornarem mal faladas e até malvistas. Por isso, durante séculos, o assunto sexo permaneceu apartado de muitas conversas femininas.

Se por um lado, parece que meninos crescem sendo incentivados a conhecerem o próprio corpo, por outro, para muitas meninas se ensina a vergonha e a culpa sobretudo pelo desejo e/ou prazer sexuais sentidos. Em sociedades patriarcais, como a brasileira, enquanto muitos homens são encorajados a manterem relações sexuais descompromissadas, ainda na adolescência, para boa parte das mulheres o sexo deve ser realizado somente no âmbito de uma união estável, cujo objetivo maior é a reprodução e não a satisfação sexual feminina. Tudo isso fez com que durante muito tempo, tanto cultural quanto cientificamente, a sexualidade feminina tenha sido negligenciada, esquecida, reprimida e sem legitimidade. Partindo disso, este texto considera que o sexo é um dos tabus femininos, especialmente em sociedades com estrutura patriarcal.

Ao longo da história, tal estrutura patriarcal promoveu a ótica masculina, em detrimento da feminina; sob esse prisma, o sexo se torna um tabu para muitas mulheres. Conforme aponta Del Priore (2017), sem, ou com pouca possibilidade de expressão, para boa parte das mulheres não existia prazer nas relações, sendo que várias sequer conheciam o orgasmo. Tãmanha repressão era[é] ensinada desde a mais tenra infância: uma mulher precisava aprender a se conter e a ser obediente aos homens: primeiro o pai, ou um irmão, depois o marido; assim, a mulher passava de filha obediente à esposa submissa e, em ambas as situações, a liberdade e o prazer sexuais não lhes era um direito. É importante considerarmos que, nessa concepção de subserviência aos homens, de negação e repressão dos desejos femininos, permitiu-se a manutenção de uma ordem social na qual os homens constituíram uma espécie de supremacia a qual lhes assegura sentirem-se livres para os prazeres, bem como para falarem do sexo mais abertamente; já para as mulheres, essa mesma ordem social constituiu uma espécie de obrigação de estar em um relacionamento tido como estável para poderem fazer sexo. Por assim ser, a liberdade sexual feminina é “o

solo marcado pelas repressões dos desejos” (LOPES, 2018, p. 12).

Dito isso, este texto foi elaborado como uma tentativa de apontar que, apesar de todos os avanços femininos, em nossa sociedade ainda ecoam discursos repressivos que podem produzir os sentidos de outrora, inibindo a mulher de falar sobre sua sexualidade aberta e livremente. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar discursivamente dois textos contemporâneos, mais pontualmente detalhados a seguir, para evidenciar que o assunto sexo ainda pode ser considerado como tabu, mais especificamente quando o sujeito enunciador é mulher.

O arcabouço teórico que sustenta as nossas análises é o da Análise do Discurso francesa (AD), sob à luz dos pensamentos de Michel Foucault. Esse filósofo francês acreditava que os acontecimentos devem ser considerados em seu tempo, história e espaço. À esteira de seu pensamento, a reflexão presente neste estudo se ampara em uma história das mulheres e nos ditos sobre sua sexualidade, no Brasil, conforme Del Priore (2017), para trazer à tona os ditos de outrora que seguem produzindo sentidos ainda na contemporaneidade.

Ainda, para Michel Foucault (2011), o discurso é controlado por procedimentos de exclusão, dentre os quais, a interdição que se dá por meio do tabu do objeto, do ritual da circunstância e do direito privilegiado ou exclusivo daquele que fala. Para nós, o discurso sobre o sexo, ao ser enunciado por uma mulher, pode sofrer interdição, pois, conforme o que apontou Foucault, o sexo é um dos tabus femininos; não é toda e qualquer mulher que pode falar de sexo, tampouco aquelas que podem falar não o podem fazer em qualquer circunstância. Os homens parecem deter o direito privilegiado ou exclusivo de falar sobre sexo, de modo que tais interdições “se cruzam, se reforçam, se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar” (FOUCAULT, 2011, p. 9).

A metodologia usada no desenvolvimento de nossas análises é de caráter qualitativo. Mediante um olhar discursivo, analisamos textos contemporâneos para checar se há evidências de que algumas construções enunciativas possam oferecer ao interlocutor a ideia de que a mulher não conquistou, de fato e na prática, sua liberdade sexual, de modo que falar sobre sexo permanece sendo um tabu, mesmo no século XXI.

O corpus da pesquisa é composto por dois textos, a saber, (i) *Existe um mundo de experimentação sexual para mulheres?*, artigo publicado em junho de 2019, pela revista eletrônica Azmina¹; escrito por Helena Bertho, esse texto aborda a temática da evolução digital em relação aos aplicativos voltados para a prática sexual, enfatizando que as mulheres encontram pouco ou nenhum espaço nesse ambiente ainda dominado pelos

¹ Disponível em: <https://azmina.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

homens; (ii) texto da rede social *Instagram*², publicado pela psicóloga em formação, Lorena Muniz em abril de 2020, o qual ressalta que houve uma maior liberdade feminina no contexto sexual, impactando os papéis de gênero.

Esperamos que nossas análises contribuam para mudanças significativas que permitam refletir sobre a vida do sujeito mulher do século XXI.

1 Sexo para mulheres: um ato e um assunto nem sempre permitido

Se no século XXI, a sociedade parece reconhecer que cada vez mais as mulheres estão se destacando e sendo atuantes em posições sociais, além de mãe e esposa, é necessário dizermos ou falarmos que isto nem sempre ocorreu. Por isso, neste texto expomos, ainda que de modo breve, a trajetória da mulher na sociedade brasileira. É bom conhecermos os caminhos trilhados pela grande maioria das mulheres para que hoje estejam presentes em todas as áreas, até mesmo em espaços antes não ocupados por elas.

Se considerarmos a história de nossa sociedade, notamos que, por muito tempo predominou a máxima de que o objetivo para a grande maioria das mulheres era casar e ter filhos, correspondendo ao modelo de família socialmente estabelecido e respaldado pela religião, principalmente a Igreja católica. Segundo Del Priore (2017, p. 11) “a Igreja procurava universalizar suas normas para o casamento e a família”, de modo que cabia à mulher um papel fundamental nesse projeto: cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe da família com sexo e dar a ele filhos que ela iria ensinar e educar seguindo o modelo que a Igreja apresentava à sociedade.

Nesse contexto, a educação da mulher era basicamente voltada para sua futura vida matrimonial. As meninas cresciam perante a responsabilidade de se tornarem boas esposas; durante um bom tempo, a maioria sequer aprendia a ler; muitas passavam a vida aprendendo orações, bordados e rendas. Esperava-se que fossem incultas e piedosas, porque isso as tornariam mais facilmente obedientes. Maridos eram escolhidos pelo pai, concretizando assim casamentos arranjados, seguindo critérios econômicos e sociais. Somente no decorrer do século XIX, com a vinda da família real portuguesa, esse cenário começou a mudar e as mulheres ganharam um pouco mais de visibilidade (DEL PRIORE, 2017).

Por tudo isso, o casamento era considerado um divisor na vida da mulher;

² Disponível em: <https://www.instagram.com/sexoamorepsique/?hl=pt-br>. Acesso em: 10 jun. 2020.

socialmente, a mulher casada tendia a ser mais respeitada, no entanto, para que isso ocorresse, seu comportamento deveria ser tal qual o de uma santa. Não obstante, a imagem de Maria [Nossa Senhora] era o exemplo a ser seguido: modelo de pudor, de severidade, de resiliência e de castidade.

Nessa mesma conjectura, ser solteira era sinônimo de estar desprotegida, por isso a valorização do casamento, tido como indício de segurança e de respeitabilidade; a única instituição capaz de permitir que a mulher se realizasse como ser social era o matrimônio, fora dele, ela sequer possuía um estatuto.

Assim, o padrão ditado pela Igreja não tardou a ser adotado também pela sociedade e, por isso, as esposas eram vistas como mulheres corretas, enquanto as demais podiam ser até mesmo tidas como imorais e erradas. Na instituição familiar, o homem era o chefe, pai e senhor que atribuía a ordem e garantia o sustento, zelando pelo respeito e impondo suas leis dentro da casa. Sob o jugo do patriarcado, só restava à figura feminina se curvar para ser socialmente reconhecida e prestigiada, saía da tutela rígida do pai para entrar na do marido.

A tradição do casamento começou a ser quebrada no Brasil somente no século XX, entre os anos de 1970 e 1980, quando as mulheres começaram a sair de casa, ganhar as ruas e conquistar algumas posições no mercado de trabalho (DEL PRIORE, 2017). Acontecimentos revolucionários na Europa refletiram-se no Brasil, quando parte das mulheres decidiram tomar pílulas, contestar a repressão e buscar seus direitos. Mesmo que lentamente, devemos observar que houve mudanças nos padrões de comportamento sexual feminino, por exemplo, a obrigatoriedade de casar-se virgem foi deixada para trás. Consequentemente, houve uma diminuição no pudor, de modo que alguns assuntos, até então considerados indevidos para o público feminino, passaram a ser comentados; o prazer na relação, a masturbação e os orgasmos começaram a aparecer em enunciados que circulavam aberta e publicamente em revistas, como em “A história das mulheres mudou, em seus objetos, em seus pontos de vista” (PERROT, 2019, p. 15).

De certo modo, podemos considerar que essa abertura para falar das questões relacionadas ao sexo, ainda que pequena, começou a abalar a supremacia masculina. Contudo, a instituição familiar ainda mantinha o marido como chefe, um juiz a avaliar a esposa. Com isso, muitas mulheres, ainda, precisavam se curvar ou estariam expostas ao julgamento da mesma sociedade tradicionalista.

É possível dizermos que aquele era um período de conflitos, muitas mulheres gostariam de se livrar da projeção criada por um mundo machista, já que o estigma da dita mulher perfeita pesava; contudo, nem todas as mulheres teriam condições de se manterem financeiramente sozinhas e isso significava continuar sob a submissão de um relacionamento. Esse conflito de interesses não era apenas feminino, também atingia a posição dos homens na sociedade, alguns aceitavam as mudanças no papel social feminino,

enquanto muitos outros não. Por conseguinte, é possível dizermos que também havia um conflito entre dizeres, um embate discursivo: de um lado, novos dizeres em revistas e programas televisivos faziam circular as ideias da liberação sexual feminina; por outro, os mesmos ditos de outrora.

Para esta pesquisa, é relevante considerarmos esse embate, já que foi o momento em que, embalados pelas mudanças sociais, muitos ditos sobre a liberdade sexual feminina emergiram com mais força, de modo que, na contemporaneidade, boa parcela das mulheres já se sente mais à vontade para falar sobre suas experiências sexuais.

A virada do século trouxe inovações tecnológicas que permitiram a criação de vários aplicativos de relacionamento, dentre os quais citamos *Grindr*, *Tinder*, *Badoo*, *ParPerfeito*, nos quais homens e mulheres podem interagir, inclusive para encontrar parceiros sexuais. Nesses aplicativos, a mulher pode encontrar dificuldades para viver sua sexualidade sem julgamentos e rótulos, isso porque ainda circulam os dizeres que se propagavam há anos, ou seja, os resquícios da organização patriarcal de antes. Assim, o discurso sobre o sexo, quando o enunciador é mulher, ainda sofre interdições, conforme mostraremos a seguir.

2 Poder ou não poder falar sobre sexo: o discurso e suas interdições

A França, nos anos de 1960, vivenciou um momento histórico, uma revolução causada pela insatisfação popular com o contexto sociopolítico. A população extremamente insatisfeita foi às ruas protestar, levando estudantes e trabalhadores a intensos combates e greves pelo país. O cenário propício para diversas discussões filosóficas e acadêmicas despertou o interesse do teórico Michel Pêcheux, que levantou questionamentos sobre o funcionamento do discurso na sociedade, a partir da Linguística saussureana e de um Materialismo histórico, vindo de Marx e da Psicanálise freudiana (LOPES, 2018).

Contemporâneo a Pêcheux, o filósofo Michel Foucault publicou, em 1969, a obra *A arqueologia do saber*, que inaugura uma série de discussões e apontamentos nos quais o discurso assume o papel principal (LOPES, 2018). Foucault discute temáticas que divergem da teoria de Pêcheux, “pressupondo que as coisas não preexistem às práticas discursivas, mas sim delas se constituem” (LOPES, 2018, p. 19).

Constituiu-se uma teoria do discurso que poderíamos chamar de foucaultiana, para a qual a historicidade também é bastante relevante, já que “[...] supõe-se enfim, que a própria história possa ser articulada em grandes unidades - estágios ou fases – que detém

em si mesmas seu princípio de coesão” (FOUCAULT, 2008, p. 11). Isso nos faz compreender que, a cada momento histórico, há ditos que podem ser mencionados e outros que podem ser impedidos de circular.

Para Foucault (2008, p. 7), “os problemas colocados são os mesmos, provocando, entretanto, na superfície, efeitos inversos”. Por isso, ao questionarmos a questão de mulheres poderem falar abertamente de sexo, apesar de estarmos no século XXI, isso ainda pode ser visto como um “problema”, já que mesmo os tempos sendo outros, nem toda mulher pode, ainda, falar confortavelmente sobre sexo, ou não se pode falar sobre sexo em qualquer lugar.

Conforme Foucault em *A ordem do discurso*, toda produção de discurso em uma sociedade passa pelos mecanismos de controle – procedimentos de exclusão externos e internos; tais mecanismos selecionam e organizam o que pode ou não ser dito e redistribuem esses ditos, isto é, colocam-nos em circulação; por isso, têm a função de dominar o acontecimento discursivo, afastando sua materialidade (FOUCAULT, 2011).

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2011, p. 09).

Assim, consideremos o discurso sobre o sexo em nossa sociedade, de modo a conferirmos seus procedimentos externos de exclusão, ou seja, como se dá a interdição a esse discurso, conforme a proposta foucaultiana: “tabu do objeto, ritual de circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala.” (FOUCAULT, 2011, p. 09).

Começemos pelo tabu do objeto. De modo geral, a interdição do discurso sexo não se dá apenas quando o enunciador é mulher, isso porque o sexo é um assunto sobre o qual uma sociedade ocidental, majoritariamente sustentada por dogmas religiosos que o consideram [o sexo] como fator de reprodução e não de prazer, tende a ser um assunto bastante reprimido, ou impedido de circular livremente em sociedade. No entanto, se considerarmos o fato de que a sociedade ocidental também é patriarcal, e por assim ser há a supremacia masculina, compreendemos que, apesar de o sexo ser um tabu para o discurso, essa interdição ocorre de modo mais acentuado quando o enunciador é uma mulher. Sendo o discurso, conforme o que nos ensina Foucault (2011), aquilo que exprime (ou esconde) o desejo, interditar os ditos femininos sobre sexo corresponde também a esconder das mulheres o próprio sexo, de modo que esse permanesse sob a hegemonia masculina.

Sendo assim, para que o sexo pudesse permanecer sob o controle masculino, não

bastariam fazer do sexo um tabu, mas sobrepor ao discurso feminino sobre sexo os outros dois modos de interdição: pelo ritual da circunstância e pelo direito privilegiado, sendo que esses dois procedimentos também estão intrinsecamente relacionados com aquela estrutura patriarcal sobre a qual já explicamos anteriormente. Quem pode ou está autorizado a dizer algo em uma circunstância é quem está instituído de poder, um poder que lhe confere o direito privilegiado do dizer. Sendo assim, em nossa estrutura social os homens ocuparam/ocupam posições que lhes garantem poder suficiente para dizer em qualquer circunstância, logo durante muito tempo, somente eles eram os investidos de poder para falar sobre sexo, ainda que não fosse possível falar sobre sexo em qualquer circunstância. Por isso, nem sempre as mulheres puderam falar sobre sexo, simplesmente porque as posições sociais que ocupavam não as investiam desse poder dizer.

Ainda que na contemporaneidade a situação das mulheres na organização social possa ter mudado em alguma medida, os procedimentos de interdição externos não deixaram de atuar e, por conseguinte, nem toda mulher ainda pode falar abertamente sobre sexo, ou não se pode falar sobre sexo em qualquer lugar. Quando o enunciador é uma mulher e o assunto é o sexo, os tipos de interdições que se cruzam, se reforçam e se alteram constantemente, afinal a região da sexualidade ainda é uma das regiões “onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam” (FOUCAULT, 2011, p. 09).

3 Mulheres falando sobre sexo na contemporaneidade

Sendo o discurso feminino sobre o sexo alvo de muitas interdições, buscamos neste trecho, evidenciá-las em enunciados contemporâneos. Conforme já dissemos, o corpus analisado aqui é constituído de dois textos que circulam na internet. A escolha dos textos se baseou nos seguintes critérios: serem contemporâneos, estarem disponíveis on-line sendo, por isso, de fácil acesso e serem públicos, isto é, poderem ser lidos por qualquer pessoa. Respeitados esses critérios, na sequência, procuramos por espaços de fala majoritariamente femininos que colocassem em discussão temáticas que envolvessem a sexualidade feminina. Assim, escolhemos o Texto 1 e o Texto 2, que aparecem na íntegra nos anexos, sobre os quais falamos a seguir.

O Texto 1, (i) *Existe um mundo de experimentação sexual para mulheres?*, publicado na revista eletrônica Azmina em junho de 2019; essa revista possui pautas dedicadas às mulheres, construindo um espaço de fala que defende o movimento feminista; seus colunistas se mostram dispostos a mudar o cenário da invisibilidade feminina e, para isso, escrevem sobre temas relevantes para a igualdade de gênero, dentre os quais, sexo.

O Texto 2 é uma publicação do feed do perfil público @sexoamorepsique, da rede

social *Instagram*. O perfil pertence a Lorena Muniz, acadêmica de psicologia. O público-alvo do perfil de Lorena é o feminino, por isso Lorena, apesar de ainda estar em formação, aborda temas sobre relacionamento e sexualidade. O texto analisado foi publicado em abril de 2020.

Dos Textos 1 e 2, foram feitos recortes de enunciados para serem analisados discursivamente. Como forma de organizar nossas análises, elaboramos o Quadro 1; nele constam os enunciados analisados, numerados em sequência e a fonte, isto é, o texto de onde foram retirados.

Quadro 1 – O sexo na boca da mulher

	Enunciado	Fonte
E1	“Grindr está um paraíso”, me contou um amigo esse fim de semana, falando sobre como a movimentação da cidade para a Parada do Orgulho LGBT estava agitando sua vida sexual.	Texto 1 Existe um mundo de experimentação sexual para mulheres?
E2	Minha surpresa, não foi de julgamento e sim de inveja. Quem dera conseguir poder deixar claro que quero transar, quando quero transar, e como quero transar.	
E3	Fico com a sensação de que os homens podem encontrar espaço para testar e viver suas sexualidades como quiserem facilmente.	
E4	Toda a educação feminina conecta sexo com relacionamento.	
E5	Sexo é tabu para todo mundo. Viver a sexualidade livremente é um problema para homens e mulheres. Mas tenho a impressão de que para nós, o tabu é ainda maior.	
E6	[...] a ascensão da terceira onda do feminismo também impactou significativamente no exercício dos papéis de gênero, trazendo maior liberdade para as mulheres, inclusive no contexto sexual, e convidando os homens a repensar seu lugar nessa dinâmica.	Texto 2 Publicação do perfil @sexoamoresique
E7	Ao mesmo tempo que as mulheres se sentem felizes por poderem exercitar sua sexualidade de maneira mais livre e autêntica, terem mais iniciativa e irem atrás do que querem, se ressentem pela mudança que levou os homens a um lugar mais passivo nessa dinâmica.	

Fonte: Elaboração própria

Conforme o Quadro 1 apresenta, os enunciados dispostos de E1 a E5 são recortes do Texto 1, cujo título é *Existe um mundo de experimentação sexual para mulheres?* Nele, o sujeito que enuncia é uma mulher que usa a interrogativa do título para produzir o sentido

do questionamento, da indagação, de modo que uma temática sobre a sexualidade feminina seja posta em questão, isto é, seja discutida. Desse modo, um dos possíveis sentidos desse título, advindo do tom questionador, é expressar que, mesmo tendo havido a revolução sexual das mulheres, a liberdade sexual mencionada no título deve ser questionada, pois pode ser que, de fato, esse *mundo de experimentação sexual para mulheres* não exista. Ao questionar esse mundo, o enunciador não só contesta a existência desse *mundo de experimentação sexual para mulheres*, como também abre o espaço de fala sobre isso. Considerando que o discurso feminino sobre sexo, conforme mostramos anteriormente, sempre sofreu interdições, ao colocar um *mundo de experimentação sexual para mulheres* em questionamento, o título sinaliza que ainda pode haver tais interdições que não só impedem que mulheres falem disso, mas que também não vivem, de fato, toda a experimentação sexual.

Em E1, “*Grindr está um paraíso*”, me contou um amigo esse fim de semana, falando sobre como a movimentação da cidade para a Parada do Orgulho LGBT estava agitando sua vida sexual, o enunciador inicia o texto trazendo entre aspas a fala de outro enunciador que é homem, fato comprovado pelo substantivo *amigo*. A presença dessa fala masculina evidencia como a interdição discursiva sobre o assunto sexo tende a ser mais branda, ou não existe, quando o enunciador é um homem. O *amigo* do enunciador se refere a um aplicativo – *Grindr*, destinado ao público gay que procura sexo - como *um paraíso*, de modo que podemos compreender que os homens, mesmo os gays, não só podem falar abertamente sobre sexo como também, podem usar as redes sociais para encontrarem parceiros para desfrutarem das inúmeras experiências sexuais e fazem isso abertamente. A liberdade sexual para os homens é tanta que pode ser comparada ao *paraíso*. Isso nos faz entender que, em relação ao discurso sobre o sexo, os homens ocupam uma posição privilegiada, ou possuem, como diz Foucault (2011), um direito privilegiado.

O E2 confirma esse direito privilegiado do homem em relação ao sexo, porque o enunciador afirma sentir *inveja* do amigo, já que gostaria de *poder deixar claro que quero transar, quando quero transar, e como quero transar*. De modo geral, E2 pode produzir o sentido de que muitas mulheres sentem vontade de falar abertamente sobre sexo, por isso a expressão *deixar claro*. Se o enunciador gostaria de *poder deixar claro* é porque entende que não pode e, se não pode é porque as interdições atingem seu discurso: para as mulheres o sexo é mais tabu do que para os homens, já que muitas vezes a mulher pode ser julgada por falar em sexo; se o enunciador não pode *deixar claro que quer transar, quando quer transar, e como quer transar*, então seu discurso sobre sexo também é interditado pelo ritual da circunstância, isto é, em se tratando de sexo, a mulher nem sempre pode dizer tudo o que quer, quando quer e como quer, até porque o direito privilegiado é do homem. Por conseguinte, o E3, *Fico com a sensação de que os homens podem encontrar espaço para testar e viver suas sexualidades como quiserem facilmente*, de certa forma completa o

sentido de E2, considerando que mais uma vez foi reforçada a supremacia masculina em relação ao sexo.

Em E4, *Toda a educação feminina conecta sexo com relacionamento*, o enunciador afirma o que já dissemos no início deste texto: os ensinamentos sociais, amparados na estrutura patriarcal e religiosa, convencionaram o que as mulheres deviam/podiam fazer em relação ao sexo, ou seja, lhes foi ensinado que o sexo só devia/podia ser praticado em um relacionamento estável; em contrapartida, os homens sempre possuíram o direito privilegiado ao sexo, por isso também sempre puderam falar sobre sexo.

Os sentidos produzidos por E5, *Sexo é tabu para todo mundo. Viver a sexualidade livremente é um problema para homens e mulheres. Mas tenho a impressão de que para nós, o tabu é ainda maior*, só reforçam tudo que já dissemos até aqui: o sexo é sim um tabu social, por isso, não se pode falar abertamente sobre sexo, em qualquer lugar, a qualquer hora e isso atinge mais pontualmente as mulheres, porque em nossa sociedade, o direito privilegiado ainda é dos homens.

Relembremos que E6, *a ascensão da terceira onda do feminismo também impactou significativamente no exercício dos papéis de gênero, trazendo maior liberdade para as mulheres, inclusive no contexto sexual, e convidando os homens a repensar seu lugar nessa dinâmica*, e E7, *Ao mesmo tempo que as mulheres se sentem felizes por poderem exercitar sua sexualidade de maneira mais livre e autêntica, terem mais iniciativa e irem atrás do que querem, se ressentem pela mudança que levou os homens a um lugar mais passivo nessa dinâmica*, são recortes do texto do feed do perfil @sexoamorepsique. Neles, o enunciador também é uma mulher. De modo geral, esse enunciador faz comentários sobre a posição social da mulher contemporânea que parece ter maior liberdade, inclusive no contexto sexual. Assim, em certa medida, o Texto 2 parece refutar o Texto 1, já que para o enunciador do primeiro texto, a liberdade sexual feminina ainda não existe, de fato.

Contudo, os sentidos produzidos por E6 não apenas podem deixar evidentes que a luta feminina por igualdade de direitos permanece na contemporaneidade, já que menciona a terceira onda do feminismo, bem como valida a importância desse movimento como marco histórico e social, responsável, dentre outras coisas, pela diminuição da interdição ao discurso feminino sobre o sexo, especialmente por abrir mais espaços de fala para as mulheres. Por assim ser, podemos compreender o Texto 2 não como uma oposição ao Texto 1, como colocamos no final do parágrafo anterior, mas sim como uma sequência, ou até mesmo como uma das possíveis respostas que poderiam ser dadas à questão posta no título do primeiro texto. Sim, há uma certa liberdade feminina que oportuniza às mulheres experimentação sexual, contudo, o custo dessa liberação pode produzir o que o enunciador destaca em E7: *se apresentam pela mudança que levou os homens a um lugar mais passivo nessa dinâmica*. Conforme E7, as mulheres se ressentem não de sua posição social

contemporânea, mas sim da passividade dos homens que, na configuração hodierna, parece terem aberto mão de seu espaço privilegiado de outrora. No entanto, as análises do Texto 1 nos mostraram que, quando o assunto é o sexo, na boca de uma mulher, ainda “temos o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam” (FOUCAULT, 2011, p. 09).

Considerações finais

O sexo pode ser considerado um tabu social que atinge homens e mulheres, mas parece incidir com supremacia sobre as mulheres. Isso porque, ao longo dos séculos, muitas mulheres permaneceram distantes do assunto sexo graças aos ensinamentos de uma sociedade patriarcal e de preceitos religiosos que fizeram grande parte das mulheres considerarem que o sexo, ou o falar sobre ele lhes faria serem julgadas de imorais. Não obstante, durante muito tempo, o sexo para a maioria das mulheres só era possível em um relacionamento estável, como o casamento, usado única e exclusivamente para a procriação; não havia a ideia da liberdade sexual feminina já que o prazer feminino nas relações sexuais era algo inconcebível.

Sem perder de vista esse cenário, neste texto, nos propusemos a analisar discursivamente dois textos contemporâneos que circulam publicamente em um blog e em um perfil de rede social, buscando evidenciar as interdições sofridas pelo discurso feminino sobre sexo. Para tanto, lançamos mão das contribuições que o filósofo francês Michel Foucault fez à AD.

Nossas análises validaram nossa hipótese de que o discurso feminino sobre sexo ainda sofre a ação dos procedimentos externos de exclusão: as três interdições que encontram razão de ser pelo tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado (FOUCAULT, 2011).

Em vista de nossas análises, podemos concluir que, mesmo na contemporaneidade e com décadas de avanços tecnológicos, ainda encontramos interdições nos discursos sobre liberdade e experimentação sexual, quando o enunciador é uma mulher.

Esperamos que as contribuições como as aqui apresentadas sejam relevantes para que possamos rever muitos discursos de outrora sobre o que as mulheres podem fazer em relação ao sexo, ou o quê e como elas podem falar sobre o sexo.

Entendemos que as ferramentas tecnológicas, como blog e redes sociais, devem ser consideradas como importantes espaços de fala que dão às mulheres voz para falarem, inclusive, sobre sexo, afinal, “das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira

obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer” (PERROT, 2019, p. 22). Então, que sejam mulheres falando de mulheres e que o sexo possa estar na boca da mulher quando ela assim quiser.

Referências

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. 2. ed. São Paulo: Planeta. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2019.

LOPES, Michelle A. P. *A silhueta feminina entre pesos e medidas*. Araraquara: Letraria, 2018. 192 p. E-Book. Disponível em: <https://www.lettraria.net/a-silhueta-feminina/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

ALINE CRISTINA FLAVIO CRISTINA SILVA

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista de doutorado pela FAPEMIG.

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2961723006618395>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4846-909X>

E-mail: alineflaviosilva@yahoo.com.br

MICHELLE PEREIRA LOPES

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2017). Mestra em Linguística pela Universidade de Franca (2013). É professora da Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Passos.

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4408019951524400>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-0891>

E-mail: michelle.lopes@uemg.br

SAMARA APARECIDA PEREIRA

Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade de Passos. Criadora e autora do blog "A Vida é Delas". Membro dos Grupos de Pesquisa e Estudos DISMUMI (Discurso, mulher e mídias) e GEDILE (Grupo de Estudos Discursivos sobre a Leitura e a Escrita).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9448874977673074>

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0007-0239-8605>

E-mail: samaraletrasuemg@gmail.com